Questões à Volta dum Jantar - Para inglês ver

José Calvet de Magalhães

Sem dúvida que o jantar que fez correr mais tinta nos últimos tempos foi o que reuniu na residência oficial de Tony Blair, e a convite do primeiro-ministro inglês, os chefes de governo da Alemanha, Itália, Espanha, Holanda e Bélgica, o Alto Representante da União Europeia, Javier Solana, assim como o primeiro-ministro e presidente francês. O objectivo, debater a actuação europeia na crise actual. Inicialmente pensado para incluir apenas os três grandes (Alemanha, França e Grã-Bretanha), sucessivas pressões foram alargando o número de convidados em função dos que se fizeram convidar.

Um sociólogo e economista americano procedeu, em tempos, a um inquérito junto de estudantes universitários de vários países europeus para determinar o grau de importância que esses países atribuíam à opinião pública externa sobre eles próprios. Como resultado deste inquérito verificou-se que os países que menos se importavam com a opinião que os outros faziam deles, era a Inglaterra e a Espanha, e o país que mais importância atribuía a isso era Portugal.

O resultado deste inquérito confirma aquela bem conhecida preocupação dos portugueses com o prestígio que o seu país desfruta ou não no estrangeiro e que leva muitos dos nossos políticos a procurarem exibir-se na cena internacional convencidos, ilusoriamente, que, com o facto de se encontrarem ou de beneficiarem de supostas amizades com as grandes personalidades do mundo, alimentam o prestígio nacional.

Parece não oferecer dúvidas que a Suíça, embora seja um pequeno país, desfruta de um enorme e sólido prestígio internacional. E ninguém vê os estadistas suíços a pavonear-se por esse mundo fora. O prestígio da Suíça provém do normal funcionamento das suas instituições políticas, devido ao elevado nível económico, social e cultural do seu povo, e não a quaisquer digressões peripatéticas dos seus homens políticos.

Durante largo tempo a Inglaterra foi considerada entre nós como a «grande potência» por excelência e a preocupação do país de se pôr nos bicos dos pés, para tentar esconder a sua pequenez, procurando, nomeadamente, exibir-se no exterior, obedeceu ao propósito de mostrar ao grande, tradicional e poderoso aliado, que contávamos para alguma coisa. Daí as manifestações exibicionistas… para inglês ver!

A intensa actividade internacional dos nossos tempos obriga os homens públicos a constantes viagens. Mas elas devem reduzir-se apenas às que são necessárias, devendo ser efectuadas com recato, sem fanfarra nem acompanhamentos inúteis. E sobretudo, com a consciência de que elas em nada aumentam o prestígio nacional que depende, unicamente, dos nossos índices de desenvolvimento económico e de qualidade de vida.

Os nossos homens políticos, e muitos felizmente o fazem, deviam preocupar-se prioritariamente com a aceleração do nosso desenvolvimento económico e social,

evitando perdas de tempo e de energia com exibicionismos no palco internacional que são apenas fogo de vista “para inglês ver”.